



BOLETIM BIBLIOGRÁFICO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Conflito armado no norte de Moçambique

À semelhança de outros conflitos de carácter jihadista em África, o conflito armado no norte de Moçambique é um fenómeno complexo, com uma multiplicidade de actores e factores. As pesquisas desenvolvidas até ao momento têm-se concentrado essencialmente na análise dos factores e dinâmicas do conflito.

No que se refere aos factores do conflito, a maior parte dos autores aponta para uma combinação de factores nomeadamente religiosos – a entrada de ideologias extremistas no norte de Moçambique provenientes da Tanzânia e Kenya; políticos – a marginalização de determinados segmentos populacionais não alinhados com a Frelimo; económicos – a exclusão de determinados grupos relativamente a benefícios provenientes de recursos naturais e oportunidades económicas; étnicos – a marginalização dos Mwanis, Macuas e outros pequenos grupos étnicos em favor dos Macondes no acesso a recursos do poder político (Habibe, Forquilha & Pereira, 2019; Morier-Genoud, 2020; Ngoenha, Amaral & Nhumaio, 2020; Forquilha & Pereira, 2020; Brito, 2020; Chichava, 2020a; Chichava, 2020b; Weimer, 2020; Macalane & Jafar, 2020; Feijó, 2021a; Feijó, 2021b; Crisis Group, 2021; Forquilha & Pereira, 2021).

Em relação às dinâmicas, as pesquisas têm mostrado a complexidade da rede de recrutamento dos Al-Shabaab no norte de Moçambique nas suas duas dimensões, nomeadamente externa – aquela que diz respeito ao recrutamento de combatentes estrangeiros em zonas de conflito, particularmente a região dos Grandes Lagos, para combater em Cabo Delgado; a dimensão interna – aquela que se refere ao recrutamento de jovens no interior de Cabo Delgado, no litoral da província de Nampula e nos distritos fronteiriços do Niassa (Forquilha & Pereira, 2021). Embora relativamente poucos, tem havido, igualmente, pesquisas que mostram o papel da mulher no conflito (Feijó, 2021b). Ainda sobre dinâmicas do conflito, existe uma outra literatura que analisa o problema de deslocados internos no contexto da crise humanitária e com uma atenção especial à questão dos direitos humanos (Amnistia internacional, 2020; Bande, Nhamirre & Cortez, 2021).

Apesar do debate sobre as causas do conflito, quando se olha para a literatura produzida até então, constata-se que o que temos em Cabo Delgado é uma violência armada de contestação ao Estado, que se articula à volta de um discurso religioso, explora e mobiliza as diferentes tensões existentes a nível local, nomeadamente étnicas, sociais, económicas e políticas. Com o tempo, essa violência foi ligando-se cada vez mais ao terrorismo global, no contexto das dinâmicas de movimentos extremistas a nível da região. A exploração e mobilização das tensões existentes localmente permitiu ao grupo construir uma narrativa anti-Governo, anti-FRELIMO e recrutar elementos, particularmente jovens, não só nos distritos de Cabo Delgado, como também nos distritos costeiros de Nampula e em alguns distritos do Niassa próximos da fronteira com a Tanzânia.

Publicações do IESE sobre o tema

Forquilha, S., Pereira, J. & Habibe, S. (2019). Radicalização Islâmica no norte de Moçambique: o caso de Mocimboa da Praia. Cadernos IESE (17). Maputo: IESE

Resumo

O presente relatório de pesquisa é uma primeira tentativa de aproximação do fenómeno (ataque armado do Al-Shabaab em Cabo Delgado) com o objectivo de compreender a complexidade das dinâmicas da origem do grupo e da estrutura do conflito e violência em Cabo Delgado. Dois anos depois do primeiro ataque a Mocimboa da Praia a 5 de Outubro de 2017, o fenómeno é objecto de várias interpretações. Embora a pesquisa exploratória privilegie a tese da seita e do Jihadismo no contexto da dinâmica crescente do extremismo violento em países como Tan-

zânia, Quênia, e região dos Grandes Lagos, os autores consideram que, a complexidade do fenómeno exige uma pesquisa multidisciplinar aprofundada que tenha em conta uma multiplicidade de factores de ordem histórica, social, política, económica e religiosa.

Chichava, S. (2020). A Frelimo criou o “Al Shabaab”? Uma análise às eleições de 15 de Outubro de 2019 a partir de Cabo Delgado. Cadernos IESE (18). Maputo: IESE

Resumo

As eleições gerais de 15 de Outubro de 2019 decorreram num contexto

dominou os discursos dos partidos políticos, que directa ou indirectamente iriam associá-la ao conflito, acusando a Frelimo de excluir as populações locais e assim torná-las vulneráveis aos apelos dos islamitas. Neste contexto, o estudo constata que a guerra levada a cabo pelo Al-Shabaab desde Outubro de 2017 estruturou o discurso dos partidos políticos e complicou o processo eleitoral, desde a fase do recenseamento até à votação durante as eleições gerais de 2019. E chama atenção: se o governo não conseguir controlar a situação, o tema da guerra em Cabo Delgado passará a dominar o discurso político e a polarizar a competição política naquela região em particular e em Moçambique de uma forma geral.

Weimer, B. (2020). Vampiros, Jihadistas e Violência Estrutural em Moçambique: Reflexões sobre Manifestações Violentas de Descontentamento Local e as suas Implicações para a Construção da Paz. Cadernos IESE (19). Maputo: IESE

Resumo

O ensaio procura explicar, numa perspectiva histórica, os ataques contra instituições locais e representantes do Estado moçambicano. Para tal, o estudo aponta três causas principais dos conflitos locais: a economia política com raízes históricas lida com o descontentamento e a divergência de forma autoritária e violenta; a ordem de acesso limitado firmemente estabelecida em Moçambique produz a exclusão sócio-económica de intervenientes e interesses sociais, económicos e políticos locais, nomeadamente quando se relaciona com a extracção dos recursos naturais; uma perspectiva de que não há futuro da juventude moçambicana, a maioria demográfica. O estudo também analisa a vulnerabilidade da influência do islamismo militante na parte nordeste de Moçambique, devido aos grandes investimentos na indústria de Gás Natural Liquefeito.

Das análises feitas e do esboço de dinâmicas sociais e económicas nacionais e globais que favorecem a violência política e religiosa, o estudo constata que as características de base de conflitos locais ou da guerra são semelhantes. Na guerra entre a Renamo e o governo da Frelimo (1976-1992) e nos conflitos actuais, os alvos são os mesmos, nomeadamente, as instituições (locais) do Estado da Frelimo, incluindo os seus representantes e projectos económicos e de desenvolvimento e investimentos.

A violência política e os tumultos contra as instituições e representantes do Estado parecem fortemente relacionados com a extracção de recursos, em grande e pequena escala, e com investidores estrangeiros ou agências de financiamento.

Morier-Genoud, E. (2021). A insurgência jihadi em Moçambique: origens, natureza e início. Cadernos IESE (21). Maputo: IESE

Resumo

Para além de trazer uma perspectiva histórica e sociológica ao analisar a dinâmica interna e a historicidade das sociedades muçulmanas africanas e às ideias dos rebeldes e à evolução do seu pensamento sobre o islão e a política, o estudo também analisa as questões a volta da origem, natureza e início da insurgência em Moçambique. Neste sentido, refere que os insurgentes, conhecidos como Al-Shabaab, se baseiam numa seita religiosa que surgiu por volta de 2007. Durante dez anos, a seita fixou-se em oito distritos de Cabo Delgado antes de recorrer à violência em 2017.

A mudança para o jihadismo armado acontece, como defende o estudo, em resultado do crescimento e da radicalização que a seita viveu, da repressão que sofreu das grandes organizações muçulmanas e, mais tarde do Estado, o que a levou a abandonar a sua abordagem de retirada da sociedade.

Embora o estudo tenha considerado explicações alternativas para a origem e desenvolvimento da insurgência, incluindo a ligação dos insurgentes ao Estado Islâmico, o autor defende que existem outros aspectos importantes a tomar em conta quando se fala dos insurgentes do “Al-Shabaab”: a sua trajectória histórica e a sua evolução de uma seita islamita para um grupo armado jihadi violento, que passa actualmente por um processo de internacionalização que poderá desenvolver-se de diversas formas no futuro.

Chichava, S. (2020). Quem é o “inimigo” que ataca Cabo Delgado? Breve apresentação das hipóteses do governo moçambicano. Boletim IDEIAS (127). Maputo: IESE

Resumo

Para responder a esta questão, o texto apresenta as diferentes hipóteses enunciadas pelo governo moçambicano sobre a identidade e objectivos do “Al-Shabaab” resumidas em quatro: indivíduos com objectivo de instalar um Estado Islâmico; antigos garimpeiros das minas de rubi em Montepuez; grupo de empresários moçambicanos residentes na Beira e forças externas. A volta destas hipóteses, o artigo levanta questões sobre a leitura que se pode fazer destas diferentes versões e o posicionamento das autoridades moçambicanas em relação ao inimigo que ataca em Cabo Delgado e a sua pretensão. Neste sentido, o artigo refere que há evidências no terreno que mostram claramente que o país está perante a presença de um grupo radical islâmico que pretende impor a Sharia. Igualmente, no que concerne a complexidade e evolução do Al-Shabaab, há sinais de que este grupo se beneficiou da expulsão violenta dos garimpeiros de Montepuez, que a ele teriam aderido.

Chichava, S. (2020). Os primeiros sinais do “Al Shabaab” em Cabo Delgado: algumas histórias de Macomia e Ancuabe. Boletim IDEIAS (129). Maputo: IESE

Resumo

O artigo contextualiza e discute os primeiros sinais da presença do Al-Shabaab na província de Cabo Delgado, antes do ataque armado deste grupo a 5 de Outubro de 2017 no distrito da Mocimboa da Praia. Os episódios relatados no artigo, e que ocorreram nos distritos de Macomia e Ancuabe entre finais de 2015 e meados de 2017, que mostram a influência do Al-Shabaab e a reacção da comunidade muçulmana à sua chegada naquela região, ajudam a compreender que, antes de se transformar em movimento militar, o Al-Shabaab, foi uma simples seita religiosa que negava o Estado laico a favor de um Estado islâmico. Apesar disso, o artigo refere que o Al-Shabaab encontrou alguma resistência no seio da comunidade muçulmana, particularmente do CISLAMO, que sempre denunciou as suas acções às autoridades competentes e realizou algumas campanhas de sensibilização contra a propaganda deste grupo.

Forquilha, S. & Pereira, J. (2020). Face ao conflito no Norte, o que Moçambique pode aprender da sua própria guerra civil (1976 – 1992)? Uma análise das dinâmicas da insurgência em Cabo Delgado. Boletim IDeIAS (130). Maputo: IESE

Resumo

O texto analisa as dinâmicas da insurgência em Cabo Delgado com o foco na questão sobre as lições que Moçambique pode tirar com os seus ciclos de violência armada, particularmente a guerra civil, para fazer face ao actual conflito no Norte do país. O texto defende que, apesar das diferenças entre a Guerra civil e a insurgência em Cabo Delgado, no que se refere a actores e mensagem, existem aspectos semelhantes do ponto de vista das dinâmicas do conflito e da estruturação da resposta do Estado. Face à actual violência armada no Norte, o texto refere que Moçambique pode aprender com a experiência da sua própria Guerra civil (1976-1992), facto que poderia permitir uma melhor abordagem do conflito em Cabo Delgado. Neste contexto, a partir da experiência da Guerra civil, é importante que o Estado não desenhe a sua resposta unicamente em função da dimensão externa do conflito. É preciso que a resposta do Estado se estruture também, e sobretudo, com base nos factores domésticos do conflito, aqueles que fazem avançar a insurgência no terreno, ou seja, as clivagens sociais, políticas e económicas que existem a nível local.

Chichava, S. (2020). As primeiras caras do “Al Shabaab” em Cabo Delgado: o caso de André Idrissa em Cogolo. Boletim IDeIAS (134). Maputo: IESE

Resumo

De acordo com o artigo, a aldeia Cogolo, foi uma das primeiras regiões da província de Cabo Delgado onde se fixaram indivíduos que defendiam uma visão radical do islão, localmente designados por Al- Shabaaab, muito antes do primeiro ataque militar deste grupo nesta província, a 5 de Outubro de 2017. Para melhor compreensão sobre quem eram os seguidores da versão radical do islão, o artigo apresenta o perfil de um jovem da aldeia Cogolo, de nome André Idrissa, considerado localmente como um dos protótipos dos primeiros rostos da “insurgência”.

André Idrissa nasceu em 1986 na Aldeia Cogolo. É filho de um sheik local já falecido. Durante a infância, André Idrissa seguiu a linha religiosa do seu pai, um muçulmano de corrente sufista. Entretanto, com o passar do tempo ele entrou em conflito com o pai, a quem considerava Kafir (incrédulo) e passou a seguir os princípios do Ahlu Sunnah Wal Jamaah. Contudo, sob influências de sheiks da Tanzânia, com os quais travou conhecimento, André Idrissa abraçou princípios radicais islâmicos, passando também a rejeitar o Ahlu Sunnah Wal Jamaah, aderindo ao grupo de insurgentes, localmente chamado Al-Shabbab. André Idrissa participou no ataque de 5 de Outubro de 2017 a Mocimboa da Praia. As últimas notícias sobre ele indicam que tenha sido morto algures na província de Niassa, onde, supostamente, teria sido capturado pelas autoridades moçambicanas.

Com base no perfil de André Idrissa, o artigo defende que, falar de André Idrissa, pode ajudar a ter uma ideia não só das características sociológicas dos seguidores do Al-Shabaab, pelo menos nos primórdios da constituição deste grupo, mas também das suas motivações e ideais.

Siúta, M. (2020). Protecção social em contexto de terrorismo: que implicações tem a insurgência islâmica nos mecanismos formais de protecção social em Moçambique? Boletim IDeIAS (137). Maputo: IESE

Resumo

O objectivo do artigo é fazer uma discussão a volta do papel da protecção social no contexto do terrorismo em Moçambique, baseando-se em duas questões principais: qual é o papel da protecção social no contexto do terrorismo? E que implicações tem o terrorismo para o actual sistema de protecção social em Moçambique? Como resposta a estas questões, o artigo refere que em contexto de terrorismo ou de conflitos armados generalizados, o papel do Sistema de Protecção Social pode ser visto em duas fases: primeira: conflito e segunda: pós-conflito. Na fase do conflito ou durante o período de violência, o papel dos Mecanismos de Protecção Social é responder aos efeitos imediatos da violência e do terror e as necessidades da população, que advêm, da perda dos bens e acesso a serviços básicos.

Na fase pós-conflito ou de transição e recuperação, os Sistemas de Protecção Social, têm o papel de apoiar a população afectada a lidar com as consequências dos conflitos e a reinserir-se socialmente. Em relação as implicações do terrorismo para o Sistema de Protecção Social em Moçambique, o artigo destaca duas: a primeira implicação do alastramento da violência terrorista é o aumento da sobrecarga e o colapso dos sistemas de assistência social. A segunda implicação é o aumento da desigualdade na distribuição de recursos para assistência social e a emergência de tensões sociais.

Forquilha, S. & Pereira, J. (2021). Afinal, não é só Cabo Delgado! Dinâmicas da insurgência em Nampula e Niassa. Boletim IDeIAS (138). Maputo: IESE

Resumo

O artigo, baseado em trabalho de campo no norte de Moçambique, tem como objectivo analisar a insurgência com base em dinâmicas de alguns distritos de Nampula e Niassa. Focalizando nos factores de avanço da insurgência no terreno, o artigo defende que a compreensão do desenvolvimento da insurgência em Cabo Delgado passa pela análise das dinâmicas sociais, económicas e religiosas das províncias em estudo, que se tornaram espaços propícios de recrutamento, sobretudo a partir de 2018.

Apesar de Cabo Delgado ser o epicentro da violência armada, o artigo constata que a insurgência tem ramificações geográficas complexas através da instalação de células religiosas de tendência radical e mecanismos de recrutamento fora de Cabo Delgado, destacando-se neste processo as províncias de Nampula e Niassa. Por isso, o estudo sugere que a violência armada no norte de Moçambique exige uma abordagem que não se foque apenas em Cabo Delgado, mas também nas dinâmicas actuais das duas províncias.

Ngoenha, S., Amaral, G. do & Nhumaio, A. (2020). Cabo Delgado e o risco sistémico da Guerra em Moçambique. In: Desafios para Moçambique 2020. Maputo: IESE.

Resumo

O artigo faz referência aos três níveis de problemas para explicar o surgimento da guerra em Cabo Delgado, nomeadamente: nível religioso; fracas políticas sociais; e a descoberta dos recursos naturais. O artigo defende a tese segundo a qual a descoberta dos recursos naturais em Cabo Delgado é o elemento central em volta do qual gravitam e tomam corpo todos os outros microproblemas. Os autores fundamentam que a guerra em Cabo Delgado era previsível e só é explicável na sua totalidade pelo cenário da descoberta do petróleo. Essencialmente, o que faz a sistematicidade da Guerra em Moçambique é a fragilidade do nosso tecido político e social e a localização geográfica do país.

Brito, L. de (2020). Geografia eleitoral e insurgência em Cabo Delgado. In: *Desafios para Moçambique 2020*. Maputo: IESE.

Resumo

Com base em dados eleitorais, este artigo procura analisar a relação entre o voto nos diferentes partidos e abstenção, por um lado, e as zonas afectadas pela violência, por outro, tendo em conta que, de alguma forma, os resultados eleitorais definem linhas de clivagem política e de potencial conflitualidade social. Para estabelecer a relação entre estas variáveis, o artigo sustenta, tendo como base a história eleitoral de Cabo Delgado, que esta província é um território dominado pela Frelimo, que sempre obteve a maioria dos votos nas eleições presidenciais e legislativas desde 1994. Apesar de a Renamo nunca ter tido áreas de hegemonia em Cabo Delgado, ela tem as suas votações mais altas nas áreas da província que circundam a zona de hegemonia da Frelimo, com destaque para as zonas de grande densidade populacional.

A abstenção apresenta valores quase idênticos aos registados a nível nacional, e, tendencialmente, as áreas em que a Renamo tem melhores resultados são as que apresentam também as maiores taxas de abstenção.

A cartografia dos ataques mostra um padrão que coincide, grandemente, com o voto em favor da Renamo, mas também com a abstenção. Consequentemente, existe, a nível de posto administrativo, uma correlação positiva entre o voto na Renamo e o número de ataques. A correlação torna-se mais importante se se considerar a votação da Renamo e a abstenção em conjunto.

Chichava, S. (2020). Ugandeses e Tanzanianos do Al-shabaab. Um olhar à dimensão internacional do conflito em Cabo Delgado. In: *Desafios para Moçambique 2020*. Maputo: IESE.

Resumo

O artigo tem como objectivo analisar a componente internacional do Al-Shabaab com o foco na sua ligação com a Tanzânia, Uganda e o EI. Olhando para o perfil dos cidadãos ugandeses e tanzanianos, o artigo refere que os tanzanianos do Al-Shabaab são líderes religiosos, antigos garimpeiros e indivíduos ligados ao fundamentalismo islâmico, que se refugiaram em Moçambique, procurados ou fugindo da justiça devido aos crimes cometidos no seu país. Os ugandeses deste grupo, são membros ou colaboradores do ADF - Um grupo que entrou em Moçambique vindo do Uganda e da RDC.

Sem refutar a versão oficial sobre os objectivos dos tanzanianos e ugandeses do Al-Shabaab, o artigo defende que o objectivo deste grupo é

usar Moçambique como campo de treino para derrubar os governos dos respectivos países e, depois, implantar a Sharia. A província de Cabo Delgado foi escolhida pela existência de imensos recursos minerais e pelo facto de ser uma província com fronteiras porosas, fraca presença do Estado e ser propensa à imigração clandestina.

Ao falar da dimensão internacional do Al-Shabaab, o artigo constata que existem algumas evidências de que este grupo está em processo de se tornar uma organização terrorista islamita transnacional à semelhança do ADF. Outro aspecto que se destaca são as ligações com outras organizações terroristas como o ADF no Uganda e grupos anzanianos radicais islamitas. Entretanto, a ligação com o Daesh/EI ainda é difícil de verificar, apesar de o Al-Shabaab ter mostrado frequentemente fidelidade ao EI, ao içar a bandeira deste grupo em vários locais da província de Cabo Delgado onde tem feito ataques.

Outras publicações sobre o tema

Bande, A., Nhamirre, B. & Cortez, E. (2021). Gestão dos deslocados de guerra de Cabo Delgado: governo falhou no apoio às vítimas do conflito. Maputo: CIP

Resumo

As grandes questões que o estudo levanta estão focadas na crise dos deslocados de guerra de Cabo Delgado com o objectivo de perceber onde e como os deslocados vivem, as suas maiores necessidades, os riscos que podem surgir da crise dos deslocados e sobretudo a forma como o governo gere a crise dos deslocados. Neste contexto, o estudo refere que o conflito armado em Cabo Delgado, para além das mortes bárbaras provocou uma grande crise de deslocados de guerra, com mais de 25% da população da província a viver deslocada das suas comunidades. Diante desta crise, o estudo tece duras críticas ao governo por não ter tido o papel que lhe coube, destacando o facto de o governo não ter criado os tradicionais campos de deslocados, o que fez com que as pessoas que fugiam da guerra encontrassem abrigo em casas das chamadas famílias de acolhimento. E, mais, o governo não alocou nenhum orçamento para assistir aos deslocados de guerra, pelo contrário, o governo central continua a trabalhar como se a província de Cabo Delgado não estivesse a enfrentar uma situação grave de gerir mais de 570 mil deslocados do conflito armado. Com esta postura do governo, o estudo adverte que a má gestão da crise de deslocados de guerra pode gerar ambiente propício nas áreas de reassentamento para a multiplicação do conflito armado que deflagra no norte da província.

Macalane, G.E. & Jafar, J.S. (2020). Ataques terroristas em Cabo Delgado (2017-2020): as causas do fenómeno pela boca da população de Mocimboa da Praia. Pemba: Universidade Rovuma

Resumo

O objectivo principal do estudo foi compreender as causas, a evolução do fenómeno e os mecanismos de resiliência, a partir das narrativas da população de Mocimboa da Praia. Neste sentido, o estudo defende que, Mocimboa da Praia tornou-se no epicentro dos ataques por causa da sua localização geoestratégica, a ocorrência de conflitos étnicos, principalmente entre Makondes e Mwanis, a propagação do extremismo islâmico

e a aderência de um número considerável de jovens locais ao grupo terrorista. Como consequência, desde Outubro de 2017 a 2020, a província de Cabo Delgado tem vindo a sofrer ataques terroristas dos Al-Shabaab. Para conter este fenómeno, a principal resposta do governo desde o início, de acordo com o estudo, foi colocar contingentes das Forças de Defesa e Segurança para combater os terroristas e proteger as populações. Contudo, olhando para a dinâmica do fenómeno, fica claro que a presença das FDS nas zonas afectadas não impede a expansão e intensificação dos ataques terroristas. O que agrava ainda mais a situação pelo facto de as relações entre as FDS e as populações locais não serem boas. Mas apesar do sofrimento imposto pelos atacantes, as populações encontram mecanismos de resiliência que se centram na fuga para as matas, desenvolvimento de pequenos negócios e actividades económicas para a sua sobrevivência. Nesta dualidade de factores, o estudo refere que a maioria dos entrevistados não só diz que o Governo não prestou atenção aos primeiros sinais de recrutamento, radicalização e treinamento de jovens, como observa que as FDS não têm capacidade militar para fazer face aos ataques. Partindo deste facto, sugere-se que o governo melhore os treinos militares e/ou peça apoio militar a outros países; desenvolva planos de formação técnico-profissional de jovens para geração de auto-emprego ou trabalhem nos grandes projectos implementados na região; melhorar o controlo das fronteiras terrestres e marítimas para evitar a entrada de pessoas estranhas no país.

Feijó, J., Souto, A. & Maquenzi, J. (2020). Desenvolvimento sócio-económico de Cabo Delgado num contexto de conflito. *Observador Rural (101)*. Maputo: OMR

Resumo

O Recrudescimento e prolongamento do conflito militar em Cabo Delgado e a deslocação de milhares de pessoas tornam incontornável a definição de respostas urgentes e coordenadas, com vista a promover a integração socio-económica das populações. O estudo parte da premissa que o desenvolvimento económico vai constituir no terreno a melhor estratégia de contra-insurgência e propõe a implementação de modelos de desenvolvimento que priorizem o sector familiar, que apostem na diversificação da economia e na integração de pequenos produtores nos mercados. Embora uma solução sustentável para o problema de Cabo Delgado só seja viável a longo prazo, o estudo considera necessário a definição de políticas imediatas que consistem em: alargamento urgente de serviços socioeconómicos; desenvolvimento de infraestruturas de apoio à economia local; implementação de políticas macroeconómicas; capacitação institucional das organizações do Estado e desenvolvimento de espaços de participação cívica.

Feijó, J. (2020). Intensificação da conflitualidade em Cabo Delgado e risco de desestabilização do Estado. *Destaque Rural (80)*. Maputo: OMR

Resumo

O estudo destaca dois factos importantes que tiveram lugar no nordeste de Cabo Delgado: a região tornou-se o epicentro do investimento na indústria extractiva mas também de conflitualidade violenta. E concorrem para este cenário os seguintes factores: aumento e alastramento da violência e da insegurança; consolidação de uma economia de enclave; agravamento da situação social; o risco de um Estado falhado-um tema

politicamente sensível e alguns desafios para a actual legislatura. Este último factor é de particular importância e o estudo refere que a gestão de conflitualidade em Cabo Delgado será um desafio não só para o Governo mas também para os países da região, para as Organizações das Nações Unidas, para as agências de desenvolvimento internacional e para as organizações locais. Por isso, ao longo da próxima legislatura existem os seguintes desafios: garantir a segurança das populações; assistir humanitariamente a população; realizar investimentos inclusivos; fiscalizar transferências financeiras; reforçar as instituições e organizações relacionadas com a investigação criminal e a justiça; difundir mensagens de tolerância e de convivência intercultural, e promover uma política de informação pública mais esclarecedora e construtiva, capaz de reduzir os receios e ansiedades das populações e consequente difusão de rumores.

Feijó, J. (2020). Do impasse militar ao drama humanitário: aprender com a história e repensar a intervenção em Cabo Delgado. *Destaque Rural (93)*. Maputo: OMR

Resumo

No presente texto procura-se descrever as dinâmicas dos ataques, as relações existentes entre os grupos armados e sectores da população, a estratégia de contra-insurgência usada pelas Forças de Defesa e Segurança e o drama humanitário provocado pelo conflito armado e que se traduz em centenas de mortos, valas comuns, milhares de deslocados, problemas de acolhimento de populações, de assistência alimentar e sanitária. O estudo também faz uma reflexão sobre a eficácia da estratégia de contra-insurgência em curso. Sobre estas questões, o estudo defende que o avanço da insurgência é alimentado por históricos sentimentos de exclusão do poder central, que estruturou tensões sociopolíticas locais, sendo que a desconfiança e violência das forças de segurança relativamente às populações locais tende a aumentar ressentimentos contra o Estado, a alargar a base de recrutamento de rebeldes e a prolongar e intensificar o conflito. Perante esta situação, o estudo avança com algumas propostas com vista a inverter o ciclo de violência, e consistem em: inversão das formas de acumulação do capital; investigação sobre as contradições socioeconómicas internas; valorização económica, simbólica e cultural dos povos; repensar a estratégia militar; mudança do discurso oficial; e multiplicação de parceiros e aliados.

Feijó, J., Adam, Y. & Maquenzi, J. (2020). Integração sócio-económica dos deslocados internos em Cabo Delgado – um desafio nacional. *Destaque Rural (105)*. Maputo: OMR

Resumo

No texto faz-se uma reflexão sobre a relação entre os movimentos populacionais e as dinâmicas estratégicas do conflito militar, apresenta-se os principais desafios que se colocam às autoridades em relação ao reassentamento das populações e avança-se com algumas sugestões que podem conduzir à integração socioeconómica dos deslocados e de atenuação do conflito.

A volta das questões levantadas, o texto refere que é visível a contenção de dezenas de milhares de famílias em zonas tampão, a volta de um perímetro seguro onde se forma um escudo humano de defesa do território. Esta situação tornou-se politicamente favorável para o governo porque, segundo o estudo, reduziu a população que vive nas zonas de conflito e a capacidade de recrutamento dos grupos rebeldes. E mais, criou mecanismos de atracção de assistência internacional, politicamente

capitalizável pelo governo. No entanto, o reassentamento de dezenas de milhares de indivíduos vai criar um conjunto de desafios ao Estado. E a capacidade de resposta do governo a este grande desafio vai influenciar a satisfação ou o descontentamento das populações. Igualmente, o aumento de situações de pobreza entre populações deslocadas pode gerar situações de descontentamento e de aderência a grupos violentos, facilitando a respectiva penetração noutros distritos da província.

Com vista a reduzir os níveis de pobreza, promover a integração socioeconómica das populações e minimizar fontes de conflito, o estudo propõe:

Criação de mecanismos formais ou informais de garantia de acesso à terra por parte das populações nos locais de origem; introdução da temática da protecção do acesso à terra; realização de parcerias com diversas organizações da sociedade civil; canalização de apoios para pequenos negócios nas áreas de produção alimentar; reforço de uma comunicação não violenta; promoção de canais de participação sociopolítica das populações, e, promoção e cooperação entre confissões religiosas, evitar o secretismo praticado por grupos religiosos e reconhecer o papel de todos os actores na construção sociopolítica do país.

Maquenzi, J., Feijó, J. (2019). Pobreza, desigualdades e conflitos no norte de Cabo Delgado. *Observador Rural (76)*. Maputo: OMR

Resumo

O objectivo do estudo é compreender o fenómeno de persistência e agravamento da tensão e da violência no norte de Cabo Delgado. Neste contexto, o estudo apresenta um conjunto de reflexões sobre o fenómeno e fornece pistas e sugestões para uma solução sustentada do problema. E defende que, a emergência de fenómenos de extremismo islâmico constitui um processo complexo e multifacetado e a inversão deste fenómeno de violência no norte de Cabo Delgado implicará um conjunto de acções consertadas, traduzidas no aprofundamento da pesquisa multidisciplinar sobre o assunto. O estudo chama à atenção para os factores externos e internos que alimentam este fenómeno e a necessidade de se compreender melhor não só as motivações, mas também os níveis de penetração de ideologias extremistas. Destaca também a necessidade de se repensar na estratégia de aposta da solução militar, pois, a continuidade da intervenção repressiva das forças de segurança conduzirá, muito provavelmente, a uma maior radicalização e tensão com risco de manutenção e agravamento da violência. Pelo contrário, a criação de amnistias e incentivos para a rendição de insurgentes pode constituir uma medida aliciente.

Maquenzi, J., Feijó, J. (2019). Consequências sócio-económicas dos ataques no norte de Cabo Delgado. *Destaque Rural (65)*. Maputo: OMR

Resumo

O enfoque do texto é analisar as consequências socioeconómicas dos ataques no norte de Cabo Delgado sobre as populações locais. Dos ataques resultaram as seguintes consequências: abandono das aldeias e migrações forçadas; diminuição da produção alimentar - a partida de populações rurais e o abandono de inúmeras aldeias traduziu-se na redução das culturas alimentares; aumento dos preços e insegurança alimentar - a diminuição da produção agrícola reduziu a disponibilidade

de alimentos e consequentemente o aumento dos preços; perturbação do sistema de ensino; dificuldade de circulação e isolamento das populações - devido a insegurança, os transportadores de passageiros já não operam em alguns distritos o que dificulta a mobilidade de pessoas e bens o que provoca o isolamento de muitos indivíduos; comprometimento do processo de recenseamento eleitoral - o processo de recenseamento esteve condicionado no norte de Cabo Delgado; musculação das Forças de Defesa e Segurança e receio da população - o norte de Cabo Delgado apresenta-se bastante militarizado. No entanto, o aumento da insegurança faz-se sentir também pela actuação destas forças na sua resposta aos ataques protagonizados pelos grupos armados.

Maquenzi, J., Feijó, J. (2019). O processo de insurgência armada em Cabo Delgado. *Destaque Rural (64)*. Maputo: OMR

Resumo

O objectivo do presente texto é de caracterizar a insurgência armada no norte de Cabo Delgado, compreendendo-a numa perspectiva regional, a partir das realidades dos países da África Oriental. Neste contexto, o estudo refere que assim como em muitos países, em Moçambique existem variadas concepções do islão e este assunto constitui um ponto de tensão entre diferentes grupos que reclamam para si a autoridade dessa religião. A diversidade de concepções do islão em Moçambique resultou da mudança de contextos históricos na região (pré-coloniais, coloniais e pós-coloniais) e o islão foi usado como forma de fortalecimento da autoridade e poder das elites locais.

Todavia, o despontar de novas concepções do islão, num ambiente de competição política interna, resultou em clivagens e sub-clivagens de onde emergiu o chamado grupo Ahlu Sunnah Wa-Jammá.

Em 2015, por não terem conseguido conquistar a liderança religiosa, um grupo de jovens marginalizados, incluindo vendedores informais em Mocimboa da Praia (moçambicanos e tanzanianos) formaram pequenos grupos e organizaram-se em torno de uma forma rudimentar de fundamentalismo islâmico, tendo demonstrado sentimentos de insatisfação. Este grupo, apresentava uma forte atitude anti-Estado, opunha-se ao sistema secular de ensino e de justiça, e tentou estabelecer o seu próprio sistema social. Foi neste ambiente, que as populações locais designaram estes indivíduos de "Al-Shabaab". A partir do final de 2015, o grupo começou a incorporar células militares e reagindo às detenções policiais, a 5 de Outubro de 2017, este grupo atacou um conjunto de instituições do Estado na vila de Mocimboa da Praia.

